

A ANCORAGEM DAS CATEGORIAS NAS TRAMAS DA ENUNCIACÃO

ANCHORAGE OF CATEGORIES IN THE PLOTS OF ENUNCIATION

Ivan Vale de Sousa

Universidade Federal do sul e Sudeste do Pará

ivan.valle.de.sousa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7244-2823>

Resumo

Neste estudo, as discussões sobre os procedimentos actanciais, espaciais e temporais integram a debreagem enunciativa, processo que instaura as categorias de pessoa, espaço e tempo nos enunciados. Nesse sentido, a enunciação abarca a reflexão central deste estudo com as finalidades de entender a instalação de sujeitos, lugares e momentos como simulacros marcadores na estruturação do discurso; destacar a enunciação no processo dialógico entre os actantes e refletir sobre as categorias da enunciação. Logo, as tramas categóricas enunciativas reportam às teses na orientação dos sujeitos na construção da cena enunciativa.

Palavras-chave: Enunciação; Debreagem; Cena enunciativa.

Abstract

In this study, discussions about actuarial, spatial and temporal procedures are part of the enunciative debenture, a process that establishes the categories of person, space and time in statements. In this sense, statements encompass the main purposes of this study: to understand the installation of subjects, places and moments as simulating markers in the structuring of the discourse; to highlight the enunciation in the dialogical process among the actors, and to reflect on the enunciation categories. Therefore, the categorical enunciative plots refer to the thesis in the orientation of the subjects in the construction of the enunciative scene.

Keywords: *Enunciation; Clutch; Enunciative scene.*

Introdução

Os mecanismos de pessoa, espaço e tempo, no presente estudo, são procedimentos necessários para a compreensão constitutiva da cena enunciativa como arcabouços centrais de compreensão das tramas da enunciação, principiando que as intenções reflexivas das categorias enunciativas se realizem como processos dialógicos entre os sujeitos inseridos nos contextos sociais e linguísticos na marcação de um tempo-espaço que efetivam os enunciados.

Impossível é a criação de uma política de desligamento do sujeito da relação com a produção de enunciados. A todo instante estamos enunciando, realinhando contextos, readequando os espaços linguísticos com os sociais e inserindo-os no tempo linguístico-social, pois não há sujeitos que não marquem suas impressões no fazer dialógico; todos nós somos partes dos nossos próprios enunciados

e, muitas vezes, redesenham os propósitos polifônicos estruturantes no dizer enunciativo do outro.

Estas reflexões não utilizam recortes literários, jornalísticos, publicitários ou outros modelos de textos como *corpus* de análise e compreensão para indicar as instâncias da enunciação, visto que as pretensões destas discussões são problematizar, ampliar e propor a compreensão de como as categorias são organizadas e realizadas no jogo discursivo da enunciação. Nesse sentido, apresento aos leitores deste artigo, exemplos simples e próximos da realidade e de fácil compreensão.

É preciso compreender que a enunciação não é um “bicho de sete cabeças” como muitos pensam. A enunciação é inerente à nossa existência, porque está na linguagem realizada em contextos simples e complexos de comunicação, além disso, inférteis são os ideais dialógicos que tentam desvencilhar os sujeitos do jogo da enunciação, pois isso é impossível: impedir que os falantes da língua não enunciem.

À luz de um estudo de natureza reflexiva, estas questões enfatizam a necessidade de entender a enunciação na sociedade, nas ações dos sujeitos e nos estudos referentes às práticas de linguagem. Nesse sentido, quando os sujeitos enunciam, criam e ocupam lugares de destaque na estruturação dos discursos organizados na esfera temporal de produção dos enunciados, porque os falantes quando enunciam, constroem cenas enunciativas e atribuem suas marcas dialógicas.

As referências marcam e caracterizam a enunciação no discurso e no texto pela instalação de pessoa (sujeito) que tem o discurso inserido em um espaço (contexto) e no tempo (cronologia) marcado na realização das propostas enunciativas tanto nas ações de dizer quanto nas de fazer. Assim, ao produzir a enunciação, os sujeitos interagem, criam referências, ampliam-nas no modo como interagem e orientam a inserção do outro a participar do plano constante de funcionamento dos atos da enunciação.

Breves notas sobre Enunciação, Língua e Linguagem

Ao tomar estas breves notas que aproximam as marcas da enunciação da linguagem, pretende-se dizer que a arte enunciativa coloca a língua em funcionamento, ancorando as instâncias de pessoa, espaço e tempo, além de demonstrar quão relevantes são os atos de enunciar inseridos nas ações e nos discursos dos falantes na estruturação da cena enunciativa.

Os falantes, ao enunciar, comunicam ao outro uma multiplicidade de perspectivas sobre a língua, colocam em uso as variantes e as adaptações da linguagem, produzem enunciados inseridos em uma temporalidade-espacial, reafirmando com isso que a enunciação faz parte da história e da

gênese dos sujeitos, insere-os no reconhecimento da língua efetivado no fazer do espaço da linguagem um encontro de interação, sobretudo no trabalho de protagonismo e constitutivo do sujeito com sua marca identitária, a língua.

As manifestações da linguagem no plano da interação instalam os sujeitos na estruturação do discurso, possibilitando que se constituam pelas referências diversas da linguagem. Assim, na linguagem verbal há a representação da comunicação entre os sujeitos enquanto na linguagem não verbal o ato de comunicar passa pelo processo de interação que dialoga com a ciência dos signos linguísticos organizados na sociedade em uma proposta de realização subjetiva do homem com a linguagem, porque “é assim que a enunciação se realiza: na interação com o outro e do outro com nós mesmos. Enunciar é dialogar no plano gerativo dos sentidos que se queira atribuir às cenas enunciativas produzidas no funcionamento da linguagem” (SOUSA, 2020a, p. 44).

Faz parte do cerne do ser humano comunicar e interagir como ações integrantes da existência humana, refeitas a cada proposição dialógica. Nesse sentido, os signos predispostos na sociedade contribuem com essas questões de fazer com que a interação encontre no discurso suas formas de realização.

Difícil é compreender o ser humano sem a sua relação com a linguagem, visto que é inviável tal condicionante. E quando comunicamos, estamos enunciando com o outro no plano dialógico e constitutivo da cena enunciativa, por mais que nossa forma de comunicar, dizer e interagir principie a subjetividade inserida na esfera linguística do discurso.

Discutir como a linguagem corrobora na formação e na constituição do sujeito e de ampliação de seus discursos simboliza uma marca investigativa capaz de compreender como a subjetividade implanta-se na linguagem, considerando as relações atribuídas às formas de expressão assumidas por cada um dos falantes, porque a realidade comunicativa e adaptativa da língua perpetua-se no processo de interação social.

Além disso, a partir das relevâncias postuladas pela linguagem sob o viés comunicativo entre os sujeitos instalados no campo discursivo, a língua estende e constrói-se nas cenas da enunciação, projetando-se em um estado de funcionamento e compreensão intersubjetiva de consolidação e efetivação da ciência da enunciação.

O indivíduo recebe da comunicação linguística um sistema já constituído, e qualquer mudança no interior deste sistema ultrapassa os limites de sua consciência individual. O ato individual de emissão de todo e qualquer som só se torna ato linguístico na medida em que se ligue a um sistema linguístico imutável (num determinado momento de sua história) e preempatório para o indivíduo. (BAKHTIN, 2014, p. 81)

As notas breves e reflexivas sobre a linguagem pressupõem discutir a maneira como a língua realiza-se na instância comunicativa. Nessa relação de comunicação, o homem revela aos seus interlocutores suas propostas linguísticas e refaz seus discursos no encontro da interação, pois ao enunciar com os demais interlocutores que participam do discurso como enunciadores e enunciantes, realiza-se a ancoragem da enunciação.

A enunciação está justamente no trabalho do sujeito com a linguagem e o sujeito ora assume a função de enunciador, ora de enunciante na produção do discurso, já que nenhum discurso permanece igual, pois a cada nova interação são refeitas as cenas que o envolvem discursivamente.

Assim, a noção de discurso à luz da enunciação é aquela que se realiza mediante o procedimento de instauração das categorias de pessoa, espaço e tempo visando a produção do enunciado, pois sempre que formulamos os enunciados, os fazemos para um dos sujeitos da enunciação, além disso, envolvemos e inserimos o outro no jogo discursivo enunciativo.

Na investigação do mundo dialógico da enunciação, as funções assumidas pelo enunciador contemplam as necessidades dos enunciatários para que juntos enriqueçam a cena enunciativa, assim, o enunciador “deve ser tomado como uma categoria abstrata, cujo preenchimento, numa manifestação específica, faz emergir o que conhecemos como autor, falante, artista, poeta, etc.; a noção de enunciatário, igualmente, define-se como categoria por meio da qual se manifestam leitores e fruidores de maneira geral” (TATIT, 2002, p. 163).

Cabe dizer, sobretudo, que no plano do texto a subjetividade inserida na enunciação cumpre propósitos diferenciados, visto que nem sempre as convicções do enunciador são as mesmas de seus interlocutores. Nesse sentido, é preciso dizer que para cada discurso são direcionadas múltiplas propostas de interação pela linguagem, sendo por meio dela que o sujeito encontra seu momento e espaço para ancorar sua interação.

À luz da subjetividade na linguagem, os sujeitos expressam e marcam suas propostas comunicativas no plano da individualidade e da coletividade no funcionamento da enunciação. E a proposição dialógica assumida pelo lugar discursivo da linguagem na interação dos sujeitos está ligada diretamente ao plano da enunciação que carece de sujeitos inseridos em um momento de realização e um espaço de efetivação dos enunciados construídos ou em constituição.

Não há sujeitos sem contextos, nem perpetuação da língua sem a valorização das marcas linguísticas. Os contextos sociais e linguísticos caracterizam a enunciação como uma diversa instância da língua, ancorando o lugar do falante no discurso, posto que é “apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma

realidade” (BAKHTIN, 2014, p. 160) constituindo os enunciados marcados pelos sujeitos inseridos em um espaço e tempo linguístico e social.

Discorrer sobre a ancoragem das tramas da enunciação significa refletir sobre o processo vital da língua, já que a enunciação faz e permite que o acontecimento da língua se materialize nas ações dos sujeitos. Estes tornam uma realidade sua função de comunicar e interagir consigo e com o outro.

Nesse sentido, a vitalidade da língua representa na identidade do sujeito, o seu poder de transformação e orientação, tanto que a organização e os discursos podem ser propostos em contextos significativos na problematização com as marcas de subjetividade da linguagem corroboradas na construção da formação dos falantes. É no poder heterogêneo e multifacetado da língua que as referências contextuais e temporais são agregadas aos atos enunciativos do sujeito na função vital dos enunciados realizados.

O contexto só existe porque os sujeitos inferem nele marcas e concepções referentes à língua, à linguagem e à enunciação. Há que se dizer também a existência de um contexto linguístico e social, como ocorre com a categoria de tempo; nem sempre o tempo linguístico da enunciação representa a temporalização social do sujeito, é preciso que ele elabore e busque nas entrelinhas as referências de que “as línguas podem ser enunciadas” (SOUSA, 2020a, p. 45).

Além disso, não há constituição do sujeito sem que a sua relação com o contexto não esteja clara, do mesmo modo, não há sujeito sem linguagem, não há linguagem sem plano de subjetividade e não há comunicação sem que a enunciação não encontre terreno fértil para a produção do discurso e da interação entre os enunciadores da cena enunciativa.

Assim sendo, as breves notas sobre o destaque da *enunciação*, *linguagem* e *língua* colocam em destaque a atuação necessária do sujeito na realização contínua com a língua, pois é nela que os falantes se constroem como seres dialógicos e propositores das cenas da enunciação, ancorando o dizer e o fazer linguístico ou social dos usuários da língua.

As categorias na instauração da cena enunciativa

Entender que enunciar é constituir um processo de comunicação e interação entre os sujeitos inseridos em um contexto social e presentes em uma temporalização dos discursos implica compreender que os falantes estão imbuídos de suas convicções linguísticas e sociais. Nesse sentido, o enunciado como produto e resultado da enunciação realiza-se mediante a passagem do discurso

pelas categorias de *pessoa, espaço e tempo*.

Os enunciados jamais aparecem no plano da discursivização sozinhos ou isolados de seus contextos de uso e das marcas orais inerentes ao ensino e à efetivação da língua; eles trazem uma carga interpretativa das condicionantes de personalidade, espacialidade e temporalidade em que são, foram ou serão produzidos.

Quando produzimos os enunciados pensamos nos nossos interlocutores, naqueles que interagirão conosco, uma vez que os resultados da enunciação podem ser apresentados de forma oral, escrita (textos) e sinalizadas⁴⁸, pois há que se considerar também que na Linguística de Sinais são produzidos enunciados verdadeiramente coerentes aos contextos da efetivação da língua.

Na criação da cena enunciativa, os sujeitos fazem suas escolhas que melhor se adaptem aos contextos e tempos de uso, visto que não há enunciação sem a ação dos falantes, pois, estes simbolizam agentes principais que marcam na enunciação os múltiplos sinais de seus discursos, de seus enunciados. Justificar a existência do enunciado concebido nas instâncias enunciativas e classificadas como enunciador/enunciatário, narrador/narratário, interlocutor/interlocutário formaliza que cada propósito enunciativo aconteça.

No nível discursivo são centralizadas as investigações da enunciação, uma vez que é nele que as preferências enunciativas do sujeito envolvido auxiliam e constroem a cena enunciativa como manifestação da língua. Assim, na instauração do enunciado, as categorias da enunciação podem tanto ser enunciativas quanto enuncivas, dependendo das possibilidades como os enunciados são formulados e projetados por cada um dos sujeitos.

Quando se reflete sobre a compreensão da enunciação e como ela se instala nas ações discursivas e interativas dos sujeitos, compreende-se que o ato de enunciar é inerente à existência humana, assim compreendemos que a percepção da “enunciação é este colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82).

A ação de interagir com o outro constitui o discurso produzido pelo locutor e seus interlocutores e a enunciação coloca a língua em amostragem possível na função de viabilizar o contato dos sujeitos com os diferentes contextos, espaços e tempos linguísticos e sociais. Ao se envolver nas trilhas discursivas, os falantes da língua possibilitam que a enunciação se efetive também nas representações, referências e regulações realizadas pelos usuários da língua.

Sendo o acontecimento da língua, a enunciação à luz dos mecanismos da actorialização, da

⁴⁸ Embora não se fale muito sobre a enunciação à luz da Linguística de Sinais, os sujeitos surdos produzem cenas enunciativas e formalizam os enunciados nas peculiaridades da Língua Brasileira de Sinais.

espacialização e da temporalização que compõem a debreagem como movimento instaurador de pessoa, espaço e tempo na caracterização do enunciado e atribuição dos sentidos diversos ao resultado da enunciação, o resultado é sempre um produto marcado de referências, que chamamos de enunciado. Assim, nenhum enunciado tem como marca a homogeneidade discursiva, pois as cenas que são projetadas, os contextos construídos dependem das concepções e dos modos de interação das pessoas envolvidas na ação de enunciar.

Ao se envolverem nas cenas da enunciação, os usuários da língua marcam suas convicções e propõem questionamentos no trabalho com as marcas enunciativas, compreendendo que o estatuto da enunciação como teoria se materializa na concepção de “atividade pela qual se manifesta a presença codificada do locutor no interior do enunciado” (FLORES; TEIXEIRA, 2017, p. 26).

Mas quem é o locutor na teoria enunciativa e onde pode ser perceptível a enunciação? O locutor da enunciação é o sujeito que possibilita as referências de realização da língua, inserindo-se no trabalho com a literatura, a filosofia, a linguagem, o discurso e o texto; em linhas gerais, não existe a possibilidade de desvencilhar o sujeito da enunciação, porque ela está língua e a língua na identidade do usuário.

Entendida a enunciação como a própria comunicação e interação, ambas realizadas entre os sujeitos da cena enunciativa inseridos na espacialização realizável contextual e temporalização de marcações temporárias construídas social e linguisticamente engendram a estabilização da enunciação na língua. Assim, discorro resumidamente e genérica, a seguir, sobre as categorias da enunciação, mecanismos responsáveis pela construção da cena enunciativa.

Os sujeitos na ação discursiva: a categoria de pessoa

A categoria de pessoa é essencial na construção do processo discursivo e comunicativo, pois é nesta categoria em que os sujeitos envolvidos no dizer, isto é, na enunciação, são mostrados por meio da construção da cena enunciativa em que a pessoa é instaurada no discurso mediante um processo caracterizado de debreagem.

Nesse processo, são instauradas as categorias da enunciação marcando as referências da pessoa no discurso, do discurso em uma temporalidade e do contexto em que a discursivização se amplia. Assim, o procedimento do recurso da debreagem funciona-se como aporte favorável na constituição realizável do discurso o que possibilita “compreender como o enunciador envolve-se no discurso significa entender também a processualização efetiva da língua” (SOUSA, 2020b, p. 57).

Para clarificar melhor a compreensão da instalação de pessoa na enunciação, apresento, abaixo, três exemplos que servem de direcionamentos que visibilizam a categoria de pessoa no processo de elaboração da enunciação.

- (1) *Eu* preciso, urgentemente, falar com você sobre algumas questões de trabalho (o *eu-enunciador* se instala no discurso e permite que seu interlocutor faça o mesmo).
- (2) *Nós* estaremos lhe aguardando para conversarmos amigavelmente (a pessoa duplicada, *eu+eu*, assume a função de enunciador na produção discursiva da cena).
- (3) *Quero* conhecer Fernando de Noronha (o actante da enunciação *eu* é debreado, enunciativamente, sem o uso do pronome, sendo recuperado pelo número-pessoal do verbo *querer*, flexionado na primeira pessoa do singular).

A categoria de pessoa é um tanto complexa por ser um processo de actorialização, considerando o que pode ou não ser pessoa do discurso, havendo, portanto, uma variedade e essa diversidade da categoria de pessoa no discurso assume a função ora de locutor, ora de interlocutor, sendo distinguida por Fiorin (2016), na instância de pessoa, como pessoa demarcada, pessoa multiplicada, pessoa transformada, pessoa subvertida, pessoa transbordada e pessoa desdobrada, cada uma delas com suas especialidades que perpassam e se instauram no discurso e no desenvolvimento das funções actanciais desenvolvidas nos enunciados.

Devido à extensão deste trabalho não compete ao referido estudo pontuar e explicar cada uma das pessoas apresentadas por Fiorin (2016), contudo, apenas trazer para o embate o seu plano diverso de realização e instalação do sujeito no discurso. Assim, o processo de actorialização, isto é, de compreensão da pessoa no discurso estende-se para as instâncias discursivas, linguísticas e de instauração do sujeito no próprio discurso.

Os mecanismos basilares que instauram e permitem funcionar as categorias da enunciação na produção do enunciado são dois: a debreagem e a embreagem. O procedimento da debreagem pode ser manipulado pelo enunciador, já que ele infere as marcas no enunciado inserido em um ato enunciativo, ora estando presente na enunciação, ora apagando as marcas de pessoa e, nesse sentido, a debreagem “consiste na operação de projetar no enunciado as marcas de pessoa, espaço e tempo, podendo ocorrer, então, três tipos de debreagem: a actancial (de pessoa), a espacial e a temporal” (HILGERT, 2007, p. 70).

A debreagem como propiciadora na construção da enunciação pode ser *enunciativa* quando há a presença do enunciador na realização da cena e na produção do enunciado, marcando a existência de pessoa no discurso, como também *enunciva* quando o sujeito não focaliza no enunciado as marcas

da enunciação. Além da debreagem, cabe pontuar a existência ainda da embreagem que é a possibilidade de “efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ ou espaço e/ ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado” (FIORIN, 1995, p. 29).

Enquanto no procedimento da debreagem enunciativa é estabelecida uma aproximação entre o enunciado e o sujeito da enunciação, marcando seu tempo e espaço de realização, na debreagem enunciava, por sua vez, ocorre um processo de distanciamento ou apagamento desse enunciador em que o sujeito não se coloca de maneira enfática na enunciação ou na produção de seu texto, um belo exemplo de textos enuncivos são os verdadeiros textos jornalísticos, marcados pela caracterização da impessoalidade discursiva.

Dizer que um texto é enuncivo significa considerar seu plano de impessoalidade no contexto de elaboração. Nele não há opiniões e nem pontos de vista de quem o produz, por mais que o enunciador queira emitir seus julgamentos isso não é cabível. Assim, os textos enuncivos compõem-se em propostas impessoais do enunciador, porque “eles são sempre fruto da subjetividade e da visão de mundo de um enunciador. O que há são textos que produzem um efeito de objetividade” (FIORIN, 2003, p. 179).

A categoria de pessoa é a marca instancial que coloca o sujeito em destaque, em ação na produção do enunciado, embora alguns dos enunciados produzidos possam ou não trazer as marcas objetivas e subjetivas de quem estabelece a cena enunciativa. Desse modo, projetar a compreensão de como o enunciador envolve-se no discurso, ancorando finalidades e sentidos implica colocar a língua em um amplo e eficaz processo de processualização, marcando a interação entre os sujeitos.

Lócus discursivo: a categoria de espaço

O lugar do discurso, isto é, da enunciação, quase sempre, não recebe as devidas considerações em relação à categoria de pessoa. Para se compreender a construção da cena enunciativa na noção de espaço é necessário entender que o espaço linguístico não é o mesmo espaço físico. No espaço linguístico, as ações acontecem com base nas referências que o texto tenciona e nas pistas textuais inseridas na enunciação textual, já no espaço físico a enunciação se efetiva no *aqui*, no acontecimento centralizado nas ações do enunciador.

Situar o outro no espaço discursivo da enunciação significa elaborar um processo contínuo de aprendizado e interação com as “as referências enunciativas da espacialização que orientam, por

exemplo, o leitor e permitem que ele interaja com seus interlocutores, designando o lugar de realização da enunciação” (SOUSA, 2020b, p. 57).

Compreender os elementos que fazem alusões enunciativas do espaço na enunciação pressupõe trazer para o centro discurso do falante da língua no direcionamento da inserção do ambiente discursivo com os demais interlocutores, designando o lugar de realização da enunciação destacado nas menções dêiticas *aqui, ali, aí, lá, acolá*, por exemplo. Assim, essas referências além de direcionar a produção dos enunciados por seus interlocutores tornam cada um protagonista.

Para compreendermos melhor a noção de espaço na enunciação, analisaremos os seguintes exemplos:

- (4) *Aqui* não é lugar para mim (indica o lugar do enunciador EU).
- (5) Não vá até *lá* (definição/localização do espaço, a partir da enunciação. *Lá*, nesse caso, opõe-se ao *aqui* do enunciador).
- (6) Estou indo *aí* combinar com você sobre nossa viagem (*aí* institui o lugar do TU, opondo-se ao *aqui* do EU).

Todas as referências apresentadas, nos exemplos acima, são enunciativas porque marcam o lugar do enunciador para com seu enunciatário. Assim, há uma clareza no enunciado produzido pelo enunciante, o sujeito da enunciação, que pratica a ação e permite que o discurso seja localizado em uma esfera de espacialização.

Além dos espaços enunciativos, há a existência também dos *espaços enuncivos* na cena enunciativa, principalmente quando as referências dêiticas cumprem sua função anafórica, retomando a efetivação dos enunciados.

Para melhor esclarecer, vejamos dois simplórios exemplos em que ocorrem a realização dos espaços enuncivos no acontecimento da enunciação.

- (7) Amo muito Recife. Hospedei-me alguns dias *naquela cidade* e, apesar do alto custo de vida, minhas lembranças sempre me levam para *lá*.
- (8) Visito o Centro Histórico de São Luís sempre que posso. *Aquele* lugar é fantástico, *lá*, tenho contato com a cultura histórica.

As referências espaciais enuncivas, nos exemplos propostos, marcam o *eu-enunciador* ao mesmo tempo em que o *eu* ocupe o lugar de *não-eu-enunciador* na proposta enunciva. Além disso, são espaços enuncivos também os figurativizados ou não, indicados no enunciado sem que ocorra a relação entre eles e a espacialização de acontecimentos da enunciação.

Em síntese, os espaços enuncivos estabelecem-se, sobretudo na produção de notícias, pois o

lugar do discurso não simboliza o lugar de realização do enunciador. Sendo assim, o espaço enuncivo é um espaço não-espaço em que ocorre de maneira figurativizada e efêmera a produção do enunciado na cena enunciativa.

O espaço de enunciação é sempre um espaço que nasce mediante as ações dos sujeitos, pois esses trazem para a cena enunciativa suas convicções e considerações relativas à língua, que ora transita entre o espaço físico e o espaço linguístico criados pelas referências e pelas propostas textuais.

Embora, não seja muito discutida a noção de espaço na enunciação, Fiorin (2016) classifica o espaço enunciativo como: espaço dominado, espaço demarcado, espaço sistematizado, espaço transformado, espaço subvertido e espaço desdobrado.

Saber como a categoria de espaço instaura o discurso na ação de seu enunciador significa compreender que os espaços, sobretudo, nas narrativas são moldados, mutáveis e reinventados. Assim, ao compreender a função da espacialização promove-se a efetivação dos enunciados em um lugar social do enunciador e enunciatário, como também um espaço linguístico habitado pelos sujeitos do texto.

Cronometrar as ações discursivas: a categoria de tempo

Quem nunca se preocupou como o tempo? A história da humanidade está cronometrada e organizada na passagem do tempo. O tempo é visto como um momento de passagem muito rápido e, por isso, sempre foi uma das grandes inquietações do homem quanto ao seu percurso e todas as ações humanas estão inseridas em uma marca de temporalidade.

Assim como o espaço linguístico se difere do espaço físico na enunciação, o mesmo ocorre com a categoria enunciativa de tempo. O tempo do texto não é a mesma temporalização em que ocorrem os fatos no tempo físico (manhã, tarde e noite) ou no tempo cronológico (dias, horas, minutos, segundos), porque estão relacionados e instalados nos atos da fala. Ademais, a noção de tempo na enunciação marca-se nos mecanismos que possibilitam a compreensão da passagem temporal do discurso na construção da cena enunciativa.

Na enunciação, o tempo físico-cronológico é fugaz e passageiro, já no plano figurativizado enunciativo do texto, isto é, o linguístico, o tempo perpetua-se mediante cada nova interação do enunciador com o texto, pois nesse contexto linguístico, o sujeito reativa lembranças, rememora situações e insere-se na temporalização da produção do enunciado textual.

A noção de tempo como categoria enunciativa da linguagem liga-se ao contexto da narração,

porque “o tempo da enunciação, isto é, o tempo em que se situa o acontecimento que é a produção de um enunciado, pode ser designado dentro do próprio enunciado” (CERVONI, 1989, p. 31).

As noções de tempo na enunciação além da utilização de advérbios que as marcam no texto, têm-se também os tempos verbais (presente, pretérito e futuro) quando indicam ao sujeito a temporalidade em que as ações se realizam no plano da narrativa, tempo linguístico, e no contexto da enunciação, tempo físico-cronológico.

O tempo na enunciação marca o significativo momento dos acontecimentos das ações dos sujeitos no funcionamento eficaz dos enunciados produzidos na língua pelos enunciadore e enunciatários, atores que enunciam e juntos constroem a cena enunciativa com suas especificidades e formatos.

Com a finalidade de apresentar melhor o conceito de tempo na enunciação e de maneira simplória, seguem, abaixo, dois exemplos em que a categoria de tempo pode ser identificada tanto no tempo enunciativo quanto no enuncivo.

- (9) *Amanhã* viajaremos para os Lençóis Maranhenses (tempo enunciativo, porque o *amanhã* marca o futuro em virtude do momento presente).
- (10) No dia *20 de novembro* do ano passado comemoramos o dia da Consciência Negra na escola do bairro (tempo enuncivo, porque a data está marcada no enunciado)

Cabe dizer, ainda, que Fiorin (2016) demonstra a ocorrência de tempos, classificando-os em: tempo dominado, tempo demarcado, tempo sistematizado, tempo transformado, tempo harmonizado, tempo subvertido e tempo desdobrado. No tempo sistematizado há a sistematização aos tempos verbais, dos advérbios, das preposições e das conjunções.

Compreender cada uma das noções de temporalização na enunciação implica envolver-se na enunciação, produzir os enunciados sob o ponto de vista do tempo diversificado, porque a cada tempo em que a cena enunciativa é construída os enunciados são alterados mediante as especificidades instaladas nos atos comunicativos e interativos dos sujeitos e nas referências direcionadas aos resultados da enunciação.

O simulacro das realidades sociais e linguísticas na enunciação é construído mediante a realização do procedimento da debreagem que coloca em cena as categorias enunciativas, pois a tríplice enunciativa complementa-se, visto que “toda enunciação supõe um locutor e um alocutário; ela se dá no tempo, em um determinado momento; os actantes da enunciação (locutor e alocutário) encontram-se no espaço, em um determinado lugar, no momento em que ela ocorre” (CERVONI, 1989, p. 23).

Os actantes da enunciação, isto é, os que participam da cena enunciativa, constroem e organizam seus discursos moldando com as características do espaço de realização da enunciação e na marcação temporária em que são estabelecidas as interações na produção dos enunciados. Considerar essas referências na formulação de cenas enunciativas significa manter a transparência na organização do funcionamento linguístico e social da enunciação.

Entender o tempo da enunciação na ação dos actantes discursivos implica compreender que o tempo da cena enunciativa pode ser modelada a cada momento em que os sujeitos resolvem interagir e, nessa interação, a enunciação é refeita e adaptada às finalidades que os envolvidos têm em mente. Quando o tempo da enunciação é marcado no tempo do discurso, promove-se também o espaço da ação discursiva em que os actantes efetivam no ato de enunciar.

Impossível, amorfa e infértil é a característica da concepção que tenta sem sucesso apresentar os estudos sobre a enunciação na constituição das cenas enunciativas sem que as categorias de pessoa, espaço e tempo não sejam consideradas. A enunciação está presente na linguagem, na construção e na ancoragem dos discursos, porque a organização discursiva simboliza também a estruturação e a realização da linguagem no contexto enunciativo.

As categorias de pessoa, espaço e tempo na enunciação são amplas e não são todas discutidas na extensão deste trabalho, porque este não as comporta. Assim, fica evidente que as categorias estão presentes na enunciação, possibilitando que a cena enunciativa seja construída e reconstruída a partir das relações do sujeito com a linguagem, do contexto e das marcas temporais.

Considerações finais

Não é possível falar da atuação do sujeito sem que este não esteja envolvido com o papel que a linguagem atribui ao processo de construção de sua identidade. Na linguagem o sujeito encontra as razões para fazer a interação acontecer e nesse funcionamento entra em cena a língua como propositora e produtora de referências que marcam as formas como os discursos são promovidos.

A linguagem fala muito mais do sujeito do que o sujeito da própria linguagem, já que é constituído por ela como instância comunicativa e interativa entre seus interlocutores. Nesse sentido, a língua assume um lugar primordial na formação do falante, pois não há nenhuma identidade que não seja construída sem que não considere o relevante papel da língua na formação e perpetuação dos sujeitos.

Ao refletir sobre a funcionalidade da língua, discute-se sobre o acontecimento da



enunciação, já que enunciar significa comunicar, dizer, interagir e problematizar as razões necessárias que fazem o discurso transparecer nas ações discursivas dos sujeitos inseridos em um contexto de realização do dizer e marcado em um tempo de organização do discurso, direcionando-o aos interlocutores.

Na cena enunciativa entram em destaque as categorias de pessoa, espaço e tempo que marcam a passagem da enunciação em um contexto linguístico e social, implementadas em um tempo físico-cronológico e linguístico de acontecimento das ações discursivas caracterizadoras da enunciação.

As categorias da enunciação instalam no plano de realização do discurso os actantes, como de suas concepções de mundo e da linguagem, em uma espacialização e temporalização. O tempo do discurso é o tempo da enunciação e o espaço da enunciação é o espaço do discurso. Grosso modo, entende-se que a enunciação faz parte da identidade que os sujeitos constroem por meio da linguagem e constituem as cenas enunciativas efetivadas.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do modo sociológico da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes/Edunicamp, 1989.
- CERVONI, Jean. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- FIORIN, José Luiz. A pessoa desdobrada. *Alfa*, n. 39, p. 23-44. São Paulo, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br>. Acesso em: 04 jun. 2020.
- FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. 2ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- HILGERT, José Gaston. Língua falada e enunciação. *Revista Calidoscópico*. Vol. 5, n. 2, p. 69-70, mai/ago., 2007. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br>. Acesso em: 04 jun. 2020.
- SOUSA, Ivan Vale de. As tramas da enunciação. In: SOUSA, Ivan Vale de. (Org.). *Linguística, Letras e Artes: cânones, ideias e lugares*. Vol. 1. Ponta Grossa - PR: Atena, 2020a. Disponível em: www.atenaeditora.com.br. Acesso em: 20 ago. 2020.
- SOUSA, Ivan Vale de. As evidências das categorias enunciativas. In: SOUSA, Ivan Vale de. (Org.). *Linguística, Letras e Artes: cânones, ideias e lugares*. Vol. 2. Ponta Grossa – PR: Atena, 2020b. Disponível em: www.atenaeditora.com.br. Acesso em: 20 ago. 2020.
- TATIT, Luiz. A linguagem do texto. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2002

Submissão: setembro de 2020

Aceite: dezembro de 2020